

V.7 2026

AGRO INSIGHT

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais
Departamento de Promoção do Agronegócio – DPA
Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas – CGAAG
Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D – 3º andar, Sala 300
Cep: 70043-900 Brasília-DF
Tel.: (61) 3218-2821

Editorial:
Priscilla Burmann
João Huguenin

Coordenação:
Augusto Billi
Carolina Eufemia Aquino de Sá
Ângela Pimenta Peres
Jennifer Santos Costa
Jennya Silva Brito
Priscilla Burmann

Equipe Técnica:
Rodrigo Lopes de Almeida
Eduardo Sampaio Marques
José Guilherme Tollstadius Leal
Caio César Simão
Luciana Pich Gomes
Juçara Aparecida André Dokonal
Eduardo Magalhães
Silvio Luiz Rodrigues Testaseca
Glauco Bertoldo
Nilton Antônio de Morais
Alessandro Fidelis
Rodrigo do Espírito Santo Padovani
Leandro Diamantino Feijó
Jean Gelipe Celestino Gouhie
Clóvis Augusto Versali Serafini
Tiago Charão
Priscila Rech Pinto Moser
Rafael Mohana de Carvalho Refosco
Vanessa Medeiros de Jesus
Ana Lúcia de Paula Viana
Fabiana Villa Alves
Virgínia Arantes Ferreira Carpi
Roberto Carlos Papa
Carlos Turchetto
Fernanda Mascarenhas Magalhães
André Okubo
Dalci de Jesus Bagolin
Ellen Elizabeth Laurindo
Luna Lisboa
Frederique Abreu
Andréa Moura
Warley Campos
Márcio Rezende Evaristo Carlos
Marco Túlio Santiago
Luiz Cláudio de Santana e Caruso
Lucas Fiuza
Ana Carolina Miranda Lamy
Diego Leonardo Rodrigues
Marcelo Cláudio Pereira
Fabiana Maldonado
Fernanda Martins de Faria

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catalogação na Fonte

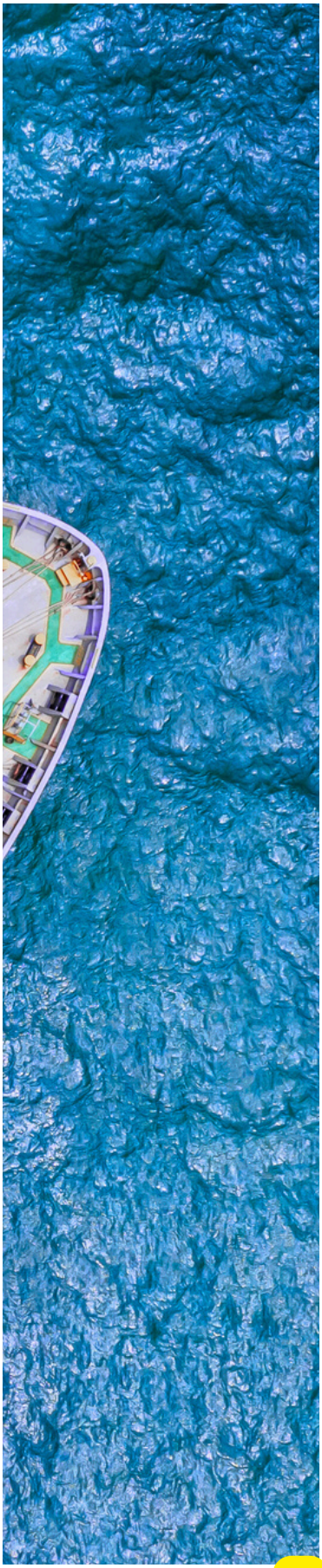
Resumo



O AgroInsight é uma publicação técnica elaborada pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária, com a colaboração dos adidos agrícolas brasileiros presentes em 38 países.

O material reúne informações, análises de mercado e oportunidades comerciais destinadas a produtores, exportadores e entidades representativas do setor agropecuário.

O relatório tem como objetivo contribuir para o acesso a informações sobre mercados internacionais e apoiar a atuação dos diferentes segmentos do agronegócio brasileiro no comércio exterior.




لا إله إلا الله محمد رسول الله

Pimenta-do-reino brasileira: a oportunidade de encurtar rotas em um mercado saudita abastecido por intermediários

Data: 30/06/2026
Posto: Riade/Arábia Saudita
Palavras-chave: Pimenta-do-reino; Arábia Saudita; Exportações.
Responsável: Caio César Simão, Adido Agrícola

SUMÁRIO:

O Brasil é o segundo maior fornecedor global de pimenta-do-reino, com escala produtiva, preço competitivo e presença consolidada no comércio internacional. Apesar disso, sua participação no mercado saudita permanece limitada, mesmo diante do crescimento das importações da Arábia Saudita entre 2021 e 2025. O país é abastecido principalmente por Vietnã e Índia, fornecedores que mantêm presença regular e volumes expressivos ao longo do ano. Parte relevante da pimenta-do-reino brasileira é exportada para países que também participam do abastecimento saudita, como Vietnã, Emirados Árabes Unidos, Índia e Paquistão. Esse fluxo indica oportunidade para ampliar a presença direta da origem brasileira no mercado saudita. O encurtamento da cadeia pode fortalecer a posição do Brasil, reduzir a dependência de intermediários e melhorar o aproveitamento de uma demanda já abastecida, em parte, pelo produto brasileiro.

1. O Brasil entre os grandes fornecedores globais de pimenta-do-reino

A pimenta-do-reino é uma das poucas especiarias em que o Brasil ocupa posição de destaque no comércio internacional. Em 2025, o Brasil foi responsável por 23,5% das exportações globais de pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída, código SH 090411, totalizando cerca de US$ 509 milhões. Esses números colocam o Brasil como o segundo principal fornecedor global do produto, atrás apenas do Vietnã e à frente da Indonésia.

A distribuição das exportações brasileiras revela uma presença importante em mercados de redistribuição de especiarias. Parte relevante dos embarques segue para países que, além de consumir pimenta-do-reino, também redistribuem especiarias para outros mercados. Entre os principais destinos da pimenta-do-reino brasileira em 2025 estiveram o próprio Vietnã, os Emirados Árabes Unidos e o Marrocos.

A base produtiva brasileira concentra-se em poucos estados. Em 2024, de acordo com o IBGE, o Brasil produziu aproximadamente 125 mil toneladas de pimenta-do-reino. O Espírito Santo liderou a produção nacional, com 73 mil toneladas, seguido pelo Pará, com 41 mil toneladas, e pela Bahia, com 8 mil toneladas. No mesmo período, o Vietnã, principal concorrente brasileiro no mercado internacional, produziu cerca de 262 mil toneladas, segundo a FAO.

2. O consumo saudita de especiarias

A pimenta-do-reino é um insumo básico para a culinária saudita e para a indústria de alimentos local. É utilizada em misturas como baharat, marinadas, temperos para carnes, frango, arroz, molhos e refeições congeladas. Por sua vez, a expansão do turismo, da hotelaria, dos restaurantes, do delivery e da indústria de alimentos processados, impulsionada pela Vision 2030, amplia a demanda por temperos padronizados, ingredientes secos e misturas de especiarias.

A Arábia Saudita é um mercado estruturalmente importador de especiarias. Em 2025, o país importou US$ 38,33 milhões e 7,39 mil toneladas de pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída, tendo como principais fornecedores o Vietnã, a Índia, o Brasil e os Emirados Árabes Unidos.

Segundo a consultoria Markets & Data, o mercado de especiarias saudita deve apresentar um crescimento médio de 5,88% ao ano até 2032, atingindo US$ 572 milhões.

3. A posição brasileira no mercado saudita

Entre 2021 e 2025, as importações sauditas de pimenta-do-reino em grão cresceram de forma consistente. O volume total importado passou de cerca de 5,1 mil toneladas para 7,3 mil toneladas, aumento de aproximadamente 43%. O Brasil, contudo, não acompanhou esse movimento, reduzindo nesse período as exportações de mil para 430 toneladas.

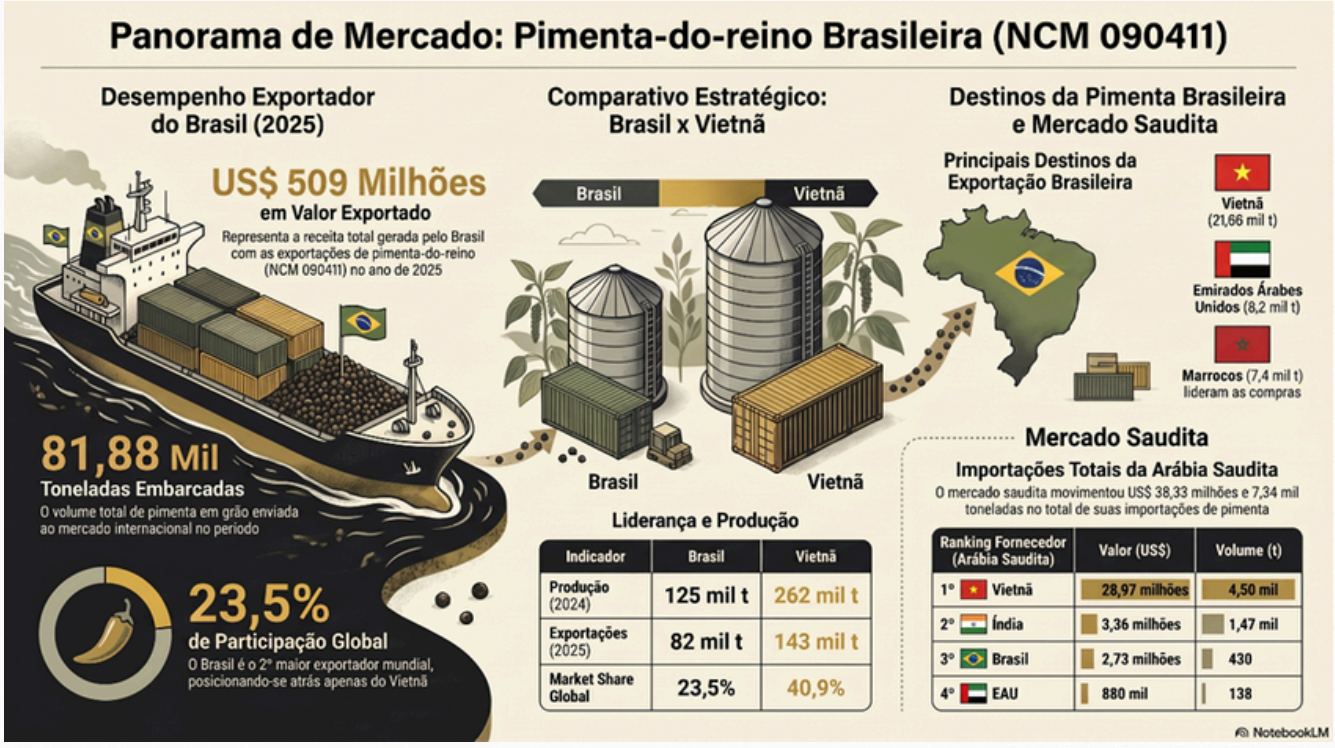
O crescimento foi capturado principalmente por fornecedores asiáticos. Em 2025, o Vietnã respondeu por cerca de 62% das importações sauditas de pimenta-do-reino, com 4,5 mil toneladas. A Índia ocupou a segunda posição, com aproximadamente 20% do mercado. O Brasil, embora seja o segundo maior exportador mundial do produto, teve participação de apenas 5,9% nas compras sauditas. O Paquistão apareceu em seguida, com cerca de 3,23% do mercado.

A baixa presença brasileira na Arábia Saudita contrasta com sua posição no comércio mundial. Em 2025, o Brasil exportou 81,9 mil toneladas de pimenta-do-reino, atrás apenas do Vietnã, que exportou 142,9 mil toneladas.

Em 2025, o maior comprador da pimenta brasileira foi o próprio Vietnã, com 21,7 mil toneladas, seguido dos Emirados Árabes Unidos, com 9,2 mil toneladas. Índia e Paquistão apareceram entre os seis principais destinos, com 6,4 mil e 5,1 mil toneladas, respectivamente. Esses quatro mercados, todos relevantes para o abastecimento saudita, absorveram mais da metade das exportações brasileiras de pimenta-do-reino.

As compras sauditas do Brasil ocorreram em volumes modestos, havendo meses sem registro de importações, como março, junho e julho. O Vietnã, ao contrário, forneceu todos os meses, em volumes elevados, com picos em junho e novembro. A Índia também manteve presença mensal contínua, ainda que com oscilações.

Os preços não indicam desvantagem estrutural do Brasil. Em 2025, o país exportou pimenta-do-reino ao Vietnã por preço médio de US$ 5,74 mil por tonelada, aos Emirados Árabes Unidos por US$ 6,05 mil e à Índia por US$ 6,18 mil. Para a Arábia Saudita, o preço médio foi de US$ 6,41 mil por tonelada. A diferença mostra que o produto brasileiro é competitivo justamente em mercados que também participam do abastecimento saudita, abrindo espaço para uma presença mais direta da origem brasileira nesse mercado.



4. Conclusão: a oportunidade está em encurtar a cadeia

A pimenta-do-reino brasileira já se insere em rotas relevantes para o abastecimento saudita. Em 2025, o Brasil exportou volumes expressivos para Vietnã, Emirados Árabes Unidos, Índia e Paquistão, países que também participam do comércio de especiarias direcionado à Arábia Saudita. Esse fluxo sugere que a presença brasileira no mercado saudita pode ser maior do que indicam as estatísticas bilaterais diretas.

A oportunidade para o Brasil está em transformar essa inserção indireta em presença mais efetiva no mercado saudita. A Arábia Saudita amplia suas importações de pimenta-do-reino, enquanto a participação brasileira permanece limitada. O Brasil dispõe de escala produtiva, competitividade em preço e posição consolidada no comércio internacional do produto.

Nesse cenário, o encurtamento da cadeia pode fortalecer a posição brasileira. A aproximação entre exportadores brasileiros e compradores sauditas tende a reduzir a dependência de fluxos intermediados, ampliar a visibilidade da origem brasileira e melhorar o aproveitamento de uma demanda já abastecida, ao menos em parte, pela pimenta-do-reino do Brasil.

O mercado saudita de pimenta-do-reino

OS POLOS DE PRODUÇÃO NO BRASIL



2º Maior Exportador Global

Em 2025, o Brasil respondeu por 23,5% das exportações mundiais de pimenta-do-reino (SH 080411), totalizando US$ 509 milhões.

Polos Produtores
(Safra 2024)

- **Espírito Santo** (73 mil t)
- **Pará** (41 mil t)
- **Bahia** (8 mil t)

Preço Brasileiro é Mais Competitivo

O preço médio da pimenta brasileira (US$ 8,2 mil/t) é significativamente menor que o da pimenta de Vietnã (US$ 8,9 mil/t).

A ROTA DA TRIANGULAÇÃO
(FLUXO INDIRETO)

Exportação para Intermediários

O Brasil exporta grandes volumes para países que funcionem como hubs de redistribuição.

O Domínio do Vietnã na Arábia Saudita

- **VIETNÃ** (21,7 mil t)
- **EMIRADOS ÁRABES** (9,2 mil t)
- **ÍNDIA** (6,4 mil t)
- **PAQUISTÃO** (8,1 mil t)

O MERCADO SAUDITA: UM DESTINO EM EXPANSÃO

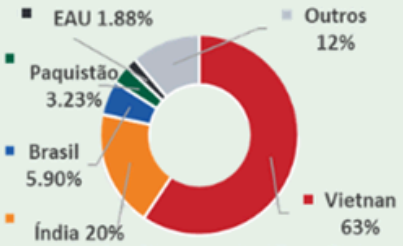


Crescimento de 43% nas Importações

O volume total importado pala Arábia Saudita aaltou de 5,1 mil toneladas para 7,3 mil toneladas entre 2021 e 2025.

Participação Direta Reduzida

Apesar de ser um gigante global, a participação direta do Brasil no mercado saudita é de apenas 5,9%, tende cpiõe de 1.000 para 430 tonoladas anuais.



Demanda Industrial e Gastronômica

O produto é essencial para a indústria de alimentes e misturas tradicionais como o *baharat*, impuisionado pela Vision 2030 e o turismo.

OPORTUNIDADE: ENCURTAR A CADEIA

A estratégia principal é transformar a inserção indirata em presença direta, eliminando intermediários para aumentar a margem e a visibilidade da origem brasileiro.






MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA
E PECUÁRIA